

## CAPÍTULO I

### Princípios Gerais da Expressão

Os três princípios fundamentais — O primeiro princípio — Acções úteis convertem-se em habituais ao associarem-se com certos estados de espírito, e são executadas independentemente da sua utilidade em cada caso particular — A força do hábito — Hereditariedade — Movimentos habituais associados no homem — Acções reflexas — Passagem de hábitos a acções reflexas — Movimentos habituais associados nos animais inferiores — Observações finais.

Começarei por enunciar os três princípios que, a meu ver, explicam a maior parte das expressões e dos gestos involuntariamente usados pelo homem e pelos animais inferiores sob o efeito de diversas emoções e sensações\*. A tais princípios, contudo, apenas cheguei no término das minhas observações. Neste e nos dois próximos capítulos, abordá-los-ei em termos gerais. Servir-me-ei de factos observados quer no homem quer nos animais inferiores, dando preferência a estes últimos, por serem menos propensos induzir-nos em erro. Nos capítulos IV e V descreverei expressões peculiares a alguns animais inferiores; e aos homens nos capítulos seguintes. Assim, cada um poderá avaliar por si mesmo em que medida os meus três princípios ajudam a esclarecer a

\* O Sr. Herbert Spencer (*Essays*, segunda série, 1863, p. 138) formulou uma clara distinção entre emoções e sensações, sendo estas últimas «geradas na nossa estrutura física». Tanto as emoções como as sensações são por ele classificadas como sentimentos.

teoria da expressão. São tantas as expressões que encontraram deste modo uma explicação satisfatória, que me parece provável que as demais acabarão um dia por ser explicadas, senão sob estes mesmos princípios, sob outros estreitamente análogos. Escusado é dizer que todo o movimento ou modificação em qualquer parte do corpo — o abanar da cauda no cão, o inclinar das orelhas para trás no cavalo, o encolher de ombros no homem, ou a dilatação dos vasos capilares — pode servir igualmente bem para a expressão. Os três princípios são os seguintes:

I. *Princípio dos hábitos úteis associados.* Certas acções complexas possuem uma utilidade directa ou indirecta sob o efeito de certos estados de espírito, servindo para aliviar ou satisfazer certas sensações, desejos, etc. E sempre que um dado estado de espírito é induzido, ainda que levemente, verifica-se a tendência, devido à força do hábito e da associação, a executar essas acções, mesmo que nesse momento estes careçam de qualquer utilidade. Certas acções que normalmente associamos, por hábito, a certos estados de espírito podem ser parcialmente reprimidas pela vontade; e em tais casos, os músculos mais propensos a contraírem-se são os que se encontram menos submetidos ao controlo da vontade, dando lugar a movimentos que reconhecemos como expressivos. Noutros casos, o controlo exercido sobre um dos movimentos habituais leva à execução doutros pequenos movimentos, igualmente expressivos.

II. *Princípio da antítese.* Certos estados de espírito conduzem a certas acções de origem habitual, que são de utilidade para a pessoa, tal como o afirma o nosso primeiro princípio. Ora, quando se induz um estado de espírito directamente oposto, verifica-se uma forte e involuntária tendência para executar movimentos de natureza directamente oposta, apesar de estes não possuírem qualquer utilidade; e tais movimentos são em alguns casos altamente expressivos.

III. *Princípio das acções devidas ao sistema nervoso, totalmente independentes da vontade e, até certo ponto, independentes do hábito.* Quando o sensorio é fortemente estimulado, gera-se normalmente um excesso de força nervosa, a qual é transmitida em certas direcções definidas, dependendo em parte da conexão das células nervosas, e

em parte do hábito; mas pode também ocorrer uma interrupção desse fluxo de força nervosa. Produzindo-se assim efeitos que reconhecemos como expressivos. Por mor da concisão, este terceiro princípio pode ser chamado «princípio da acção directa do sistema nervoso».

No que concerne ao nosso *primeiro princípio*, é patente que a força do hábito é muito poderosa. Graças a ela, os mais difíceis e complexos movimentos podem, com o tempo, ser executados de uma forma inconsciente e sem o mínimo esforço. Não se sabe ao certo como é que o hábito pode ser tão eficiente a facilitar a execução de movimentos complexos; mas os fisiologistas<sup>1</sup> admitem que «a capacidade condutora das fibras nervosas aumenta com a frequência com que são estimuladas». Isto aplica-se tanto aos nervos do movimento ou da sensação, como àqueles relacionados com o acto de pensar. Que uma certa mudança física é produzida nas células nervosas ou nos nervos que são frequentemente utilizados, é algo que dificilmente se pode pôr em dúvida, pois de outro modo seria impossível compreender como é que certos movimentos adquiridos se poderiam tornar hereditários. Que esta transmissão hereditária existe, é algo que podemos verificar pela transmissão de certos passos nos cavalos (como o cânter ou o furto-passo, que não são naturais neles), o «apontar» dos jovens *pointers* ou o «parar» dos jovens *setters*, assim como no voo peculiar de certas raças de pombos, e por aí fora. Dão-se casos análogos entre os homens, no modo como se herdiam certas habilidades ou certos tiques inusuais, mas a isto iremos referir-nos mais adiante. Para quem admite a ideia de uma evolução gradual das espécies, um notável exemplo da perfeição com que os mais difíceis movimentos podem ser transmitidos encontra-se na borboleta-colibri (*Macroglossa*); pouco depois de ter emergido do casulo, tal como se percebe pelo brilho das suas escamas lisas, esta borboleta nocturna pode ser vista a pairar imóvel com o seu longo probóscide, fino como um cabelo, inserido nos minúsculos orifícios das flores; e não creio que alguma vez se tenha visto esta borboleta a aprender a desempenhar esta difícil tarefa, que requer uma pontaria infalível.

Quando verificamos a tendência hereditária ou instintiva para executar uma dada acção, ou para preferir um certo tipo de alimento, isso significa em geral a presença de um certo grau de habitualidade

por parte do indivíduo. Percebemos isso no passo dos cavalos, e em certa medida no «apontar» dos cães; embora certos cachorros executem esse gesto de uma forma perfeita desde a primeira vez em que são largados na caça, é contudo frequente eles associarem essa postura inata a um odor errôneo, ou até a um estímulo visual. Ouvi dizer que se deixarmos que um vitelo recém-nascido mame uma só vez nas tetas da sua mãe, depois torna-se muito mais difícil alimentá-lo à mão\*. Lagartas há que, depois de terem sido habituadas a alimentar-se das folhas de uma determinada espécie de árvore, preferem morrer de fome a comer as folhas doutra árvore diferente, mesmo que esta última constitua o alimento que prefeririam no seu estado natural<sup>2</sup>; e assim acontece em muitos outros casos.

O poder da associação é admitido por toda a gente. O Sr. Bain observa que «as acções, sensações e estados de espírito que ocorrem juntos ou em estreita sucessão, tendem a crescer em conjunto, a colarem-se, de tal forma que a partir de então, sempre que um nos acode à mente, os outros tendem a apresentar-se também»\*\*. É de tal modo importante para o nosso objectivo reconhecer que as acções tendem a associar-se a outras acções e a diversos estados de espírito, que irei dar uma grande quantidade de exemplos, em primeiro lugar relacionados com o homem e depois com os animais inferiores. Alguns desses exemplos são bastante triviais, mas para o objectivo que temos em mente servem tão bem como os hábitos de maior importância. Toda a gente sabe como é difícil, senão mesmo impossível, pelo menos sem um longo treino prévio, mover os membros em direcções opostas. Com as sensações ocorrem situações similares, como por exemplo na experiência de fazer rolar uma bola de mármore sob a ponta de dois dedos cruzados, em que a sensação que se tem é que se trata de duas bolas. Numa

\* Uma observação bastante similar foi feita há muito por Hipócrates e pelo ilustre Harvey. Ambos afirmam que um animal jovem esquece em poucos dias a capacidade de mamar, e só com alguma dificuldade a pode readquirir. Tais asserções, credito-as à autoridade do Dr. Darwin, *Zoonomia*, 1794, vol. 1, p. 140. [Confirmadas pelo Dr. Stanley Haynes, numa carta dirigida ao autor.]

\*\* *The Senses and the Intellect*, 2.<sup>a</sup> ed., 1864, p. 332. O Prof. Huxley observa (*Elementary Lesson in Physiology*, 54.<sup>a</sup> ed., 1872, p. 306) que: «Pode estabelecer-se como regra que se dois estados de espírito são convocados ao mesmo tempo, ou sucessivamente, com a frequência e a vivacidade devidas, o subsequente aparecimento de um deles bastará para convocar o outro, e isto independentemente de o desejarmos ou não.»

queda, toda a gente se protege estendendo os braços e, como o Professor Alison observou, dificilmente se consegue evitar fazê-lo, mesmo quando essa queda é voluntariamente efectuada sobre uma cama mole. É de forma totalmente inconsciente que, ao sairmos de casa, costumamos calçar as luvas; e embora este acto possa parecer extremamente simples de executar, quem alguma vez teve de ensinar uma criança a fazê-lo, sabe que não o é tanto assim.

Quando as nossas mentes estão particularmente perturbadas, também os movimentos do nosso corpo o estão; mas aqui há um outro princípio em acção, para além do hábito, que é o fluxo indirecto da força nervosa. Norfolk, referindo-se ao cardeal Wolsey, diz o seguinte:

«... alguma estranha comoção  
a mente lhe perturba: morde os lábios, dá dois passos;  
depois pára de repente e olha para o chão;  
ergue os dedos para a testa, endireita-se  
e começa a caminhar; detém-se novamente,  
bate com a mão no peito e, de seguida,  
ergue os olhos para a lua; quão estranhos  
são os gestos que nele temos avistado.»

*Henrique VIII, Acto III, Cena 2*

É frequente um homem vulgar coçar a cabeça quando se depara com alguma dificuldade; e estou em crer que ele age assim por hábito, como se experimentasse um ligeiro desconforto físico — no caso, a comichão na cabeça — ao qual é particularmente propenso e que tenta aliviar desse modo. Um outro indivíduo esfrega os olhos quando se sente confuso, ou então tosse levemente quando se vê numa situação embaraçosa, agindo em ambos os casos como se atingido por alguma sensação desconfortável nos olhos ou na traqueia\*.

Pelo facto de serem constantemente usados, os olhos estão especialmente sujeitos à influência de associações, sob os mais diversos estados de espírito, e ainda que nada exista para ver. Como observa

\* Gratiolet (*De la Physionomie*, p. 324), na sua abordagem deste assunto oferece vários exemplos similares. Veja-se a p. 42, a propósito do abrir e fechar dos olhos. Engels é citado (p. 323) a respeito do modo como a passada se altera no ser humano conforme os seus pensamentos.